

A PRODUÇÃO DE IDEOLOGIAS POLÍTICAS SEGUNDO MAX WEBER

José Otacílio da Silva*

Resumo: Diante dos perigos que as ideologias - enquanto sistemas de idéias que visam explicar o mundo social - particularmente, diante dos perigos que as ideologias políticas podem oferecer para a vida social - servir de justificativas para atrocidades cometidas por políticos “irresponsáveis”, no sentido weberiano do termo – o presente estudo teve o objetivo de analisar como Max Weber concebe o processo de produção de ideologias. Nas análises, pôde-se observar certas ambigüidades no pensamento do autor: às vezes, ele tem o “carisma” de determinadas pessoas como condição necessária e suficiente para a produção de ideologias; às vezes ele considera que certos condicionamentos sociais interferem não só na capacidade criadora das pessoas carismáticas, mas também no processo de difusão das visões de mundo. O artigo pode demonstrar que, no pensamento de Weber, uma ideologia - produzida sob a inspiração de “dons sobrenatural” ou por condicionamentos sociais - jamais poderia assumir o caráter de uma verdade absoluta.

Palavras-Chave: ideologia, ideologia política, Max Weber.

Summary: Before the dangers that the ideologies - while systems of ideas that seek to explain the social world - particularly, before the dangers that the political ideologies can offer for the social life - to serve as justifications for atrocities committed for political “irresponsible”, in the sense weberiano of the term - the present study had the objective of analyzing like Max Weber conceives the process of production of ideologies. In the analyses, it could be observed certain ambiguities in the author’s thought: sometimes, he has the “charisma” certain people as necessary and enough condition for the production of ideologies; to the he considers that certain social conditionings influence not only in the charismatic people’s creative capacity, but also in the process of diffusion of the world visions. The article can demonstrate that, in the thought of Weber, an ideology - produced under the inspiration of supernatural talents or for social conditionings - it could never assumes the character of absolute truth.

Key Words: ideology, political ideology, Max Weber

1. INTRODUÇÃO

O homem - para atuar na vida política – seja na condição de autoridades públicas, seja na condição de agentes que influenciam as decisões políticas, deve ser detentor não só de certos instrumentos de poder, mas também ser portador de uma ideologia que lhe mostre os fins a serem alcançados e, mais do que isto, o motive a participar da vida política. Entretanto, como diria Max Weber (1982), o que leva o homem a lutar e a se dedicar às atividades políticas é a “paixão” que ele tem por uma causa: se ele não for apaixonado por uma causa - seja ela “um deus ou um demônio” - ele não teria motivação para se envolver na luta política; ele não teria “o romantismo daqueles que são intelectualmente interessantes” (WEBER, Ensaios, 1982, p. 97 153). Quer dizer, “o político, ao lutar por uma causa, luta, inevitavelmente, pelo e ou com o poder político como um meio para atingi-la. Nessa luta, o político pode embriagar-se e, com isso, perder o senso de responsabilidade” (SILVA, 2004, p. 186). Foi assim que, em nome da “liberdade”, recentemente Georg Bush bombardeou o Afeganistão e o Iraque destruindo milhares de vidas inocentes; foi assim que o povo brasileiro, em nome da “liberdade de mercado”, teve sua liberdade tolhida por uma ditadura militar que se estendeu por vinte anos.

São esses perigos proporcionados pelas ideologias que motivam a realização deste estudo. Embora, em um estudo mais amplo, se pretenda estudar como as diversas correntes do pensamento sociológico tratam da questão da produção de ideologias, o presente artigo terá o propósito de analisar, por meio de pesquisa bibliográfica, como Max Weber (1864-1920) trata do processo de produção de ideologias políticas. Há que notar que, em seus estudos, Weber não trata diretamente da questão das ideologias políticas, mas das ideologias em geral e, particularmente, das ideologias religiosas. Entretanto, como os próprios escritos de Weber sugerem, sua concepção acerca da produção das ideologias em geral e religiosas, se aplica ao processo de produção de ideologias políticas. Assim, num primeiro momento, o estudo tratará da noção de ideologia; num segundo momento, discutirá a noção de ideologia em Weber e, por fim, mostrará qual é a concepção de Weber acerca das ideologias.

2. A NOÇÃO DE IDEOLOGIA

A noção de *ideologia* foi elaborada em inícios do século XIX por Destutt de Tracy para nomear a “ciência das idéias” que ele acabava de fundar. Antes de Tracy, porém, o termo *ideologues*, referindo-se aos produtores de idéias, já havia sido cunhado para designar os membros do grupo de Savants do Institut de France, criado pela Convenção de 1795, como um novo centro de pensamento da Revolução Francesa. Esse grupo se preocupava em estabelecer as relações entre a história e o pensamento e, ao mesmo tempo e paradoxalmente, buscar as idéias verdadeiras para

qualquer conjuntura (CENTRE for contemporary cultural studies, 1983, p. 16). Entretanto, é na obra de Destitut de Tracy, intitulada *Elements D'ideologie*, que o termo *ideologia* aparece pela primeira vez. Com esta obra o autor pretendia inaugurar a “história natural das idéias”, ou seja, uma ciência das idéias onde a evolução do pensamento humano seria tratada com a mesma cientificidade com que a zoologia, por exemplo, tratava a evolução dos animais em geral. Como o grupo de Savants, a preocupação de Tracy, naquela obra, consistia em “revelar a historicidade das idéias” e, ao mesmo tempo, “um conhecimento universal e verdadeiro da natureza humana” (CENTRE for contemporary studies, 1983,, p. 17.).

A partir desta noção de ideologia elaborada por Tracy, o termo passou a denominar as idéias e representações ilusórias em relação à realidade social. Este novo conteúdo que o conceito de ideologia adquiriu foi um resultado das atitudes políticas de Napoleão Bonaparte. Até o momento em que Napoleão necessitou da aliança com os membros do grupo de Savants, ideologia, para ele, significava ciência, isto é, estudo científico das idéias e representações do mundo social. Entretanto, a partir do momento em que Napoleão necessitou aliar com outras camadas sociais e romper os seus estreitos laços com os savants, ele atribuiu outra conotação ao termo ideologia. Aquilo que, para ele, significava ciência, passou a ser, pejorativamente, expressão do engano, da falsidade, das ilusões. Assim, se na obra de Tracy o conceito de ideologia significava o conjunto de idéias que expressava a ciência, com Napoleão o termo passou a significar idéias “enganosas”; “idéias abstratas e enganadoras”; “metafísica obscura”; “ilusões” do pensamento em relação ao mundo social (LÖWY, 1987, p.16 e 17). Coube a Marx e Engels recuperarem essa noção de ideologia vulgarizada por Napoleão e, ao mesmo tempo, com base nas premissas do método de análise elaborado por eles - o materialismo histórico - fundamentarem o caráter de ilusão que lhe foi atribuído.

Partindo do pressuposto de que é o “ser social” que determina a consciência dos homens; de que é a “estrutura econômica da sociedade” que determina a “superestrutura jurídica e política” (MARX e ENGELS, s/d, p.301-302), Marx e Engels sugeriram que as idéias e as representações produzidas pelos homens constituíam-se um “reflexo” das relações que eles estabeleciam entre si na realidade em que viviam. Neste sentido, Marx e Engels afirmavam em *A ideologia alemã* que “a produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparece aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica de um povo, etc.” (MARX e ENGELS, 1987, p.36)

No entendimento de Marx e Engels, se as idéias e representações, presentes tanto nas consciências dos indivíduos como na superestrutura, aparecem como ilusões ou fantasias, isto é, como idéias que não representam a realidade social, isto se deve às contradições que se manifestam na própria estrutura econômica e social; nas próprias relações que, objetivamente, os indivíduos

estabelecem entre si no processo da produção econômica. Em outras palavras, na visão de Marx, as idéias tornam-se ilusórias, enganosas, fantasiosas, a partir do momento em que surge a divisão do trabalho - particularmente a divisão entre trabalho manual e intelectual - e com ela, poder-se-ia dizer, as contradições entre forças produtivas e relações de produção, por um lado, e, por outro, os interesses divergentes e antagônicos das classes sociais. A partir do momento em que ocorre a separação entre o trabalho material e o trabalho espiritual, diziam Marx e Engels, “a consciência pode realmente imaginar ser algo diferente da consciência da práxis existente; representar realmente algo sem representar algo real. Desde esse instante, a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e entregar-se à criação da teoria, da teologia, da filosofia, da moral, etc., ‘puras’. Mas ainda que esta teoria, esta teologia, esta filosofia, esta moral, etc., entrem em contradição com as relações existentes, isso só pode acontecer porque as relações sociais existentes se encontram em contradição com as forças de produção existentes” ..

Desta relação que Marx e Engels estabelece entre ser social e consciência, entre infraestrutura e superestrutura, pode-se compreender o caráter de ilusão, de fantasia que eles concederam à noção de ideologia. Ao contrário das idéias “verdadeiras”, isto é, das idéias que emanam da realidade social por meio da práxis de determinados agentes sociais e que, portanto, representam o movimento real da sociedade, as ideologias não seriam outra coisa senão as idéias e representações falaciosas que se distanciam da realidade sem representá-la realmente. Nas palavras de Engels, ideologia nada mais seria senão um conjunto de “idéias concebidas como entidades dotadas de subsistência própria, com um desenvolvimento independente e submetidas tão somente às suas próprias leis”. (MARX e ENGELS, s/d, p. 203, v. 3) Neste sentido, poder-se-ia dizer que, com esta noção de ideologia Marx e Engels queriam designar as idéias fantasiosas que poderiam estar presentes tanto nas consciências de determinados indivíduos - e até mesmo na consciência do proletariado, na medida em que eles ainda não tivessem, individualmente, compreendido o movimento real da sociedade - como nas próprias instituições sociais - direito, moral, filosofia, arte, religião, partidos políticos, etc.

Em sua obra *História e consciência de classe*, Georg Lukács retoma a noção de ideologia elaborada por Marx e Engels e procura mostrar os condicionamentos sociais das ideologias, ou seja, da falsa representação da realidade social. Para ele, as ideologias são consideradas como “visões de mundo” que possuem diversos níveis de representatividade da realidade social. Um conhecimento adequado à realidade social teria que apreender a “totalidade” das relações contraditórias e antagônicas que se estabelecem entre os homens. Esta totalidade de relações estaria propensa a se tornar mais visível para o proletariado, pois, ao contrário da burguesia, a sua situação de classe o impelia para a busca da verdade como uma “questão de vida ou de morte”. Neste caso, o proletariado poderia encontrar a verdade sobre si mesmo, na medida em que encontrasse a totalidade daquelas relações. A burguesia, ao contrário, teria mais dificuldades que o proletariado para apreender a totalidade do social, porque ela teria a sua visão ofuscada pela sua própria situação de classe. (LUKÁCS, 1981, p.59-86)

Como Lukács, Gramsci procurou discutir o conceito de ideologia distinguindo os diversos níveis em que as ideologias representam ou não a realidade social. Enfatizando as ideologias enquanto sistemas de idéias, enquanto concepções de mundo - no mesmo sentido da noção de “visão de mundo” elaborada por Lukács - e entendendo que os próprios sistemas de idéias elaborados pelas ciências positivistas não são outra coisa senão ideologias ou concepções de mundo particulares (Gramsci, s/d, p. 60-70), Gramsci procurou fazer distinção entre “ideologias historicamente orgânicas” e “ideologias arbitrárias”. Enquanto as primeiras significariam conjuntos de idéias “necessárias a determinadas estruturas sócio-econômicas” - idéias elaboradas pelos “intelectuais orgânicos” na convivência com o senso-comum, portanto, idéias impregnadas de historicidade - as segundas significariam idéias “desejadas”, elaboradas pelas “elucubrações arbitrárias de determinados indivíduos” (Gramsci, s/d, p. 61-63)

Por último - para não estender muito nessa apresentação das diversas nuances que o termo ideologia adquiriu ao longo do tempo - faz-se necessário observar como Karl Mannheim tratou da questão em seu livro *Ideologia e utopia*. Nessa obra, Mannheim considera que as ideologias - enquanto sistemas de idéias que pretendem representar o mundo social - são historicamente relativas, pois, dado a própria dinamicidade dos fatos sociais e os juízos de valores que inevitavelmente estão presentes na subjetividade dos agentes sociais, a verdade sobre a realidade social não poderia ser atingida. Diante desta conclusão e a despeito do equívoco que, a nosso ver, o autor cometeu ao indicar a “*intelligentsia descompromissada*” - intelectuais - como capaz de elaborar a síntese daquelas verdades parciais, Karl Mannheim (s/d), ao mesmo tempo em que procura elaborar uma definição de ideologia em geral, chama à atenção para o caráter da transformação ou da conservação que podem estar presentes nos conteúdos das ideologias. Assim, ao conjunto de idéias e representações estruturadas que pretende explicar a ordem social, ele denomina “ideologia total”. Entre as ideologias totais teríamos, por um lado, a “ideologia” significando o conjunto de idéias sistematizadas que “visam a conservação da ordem social”, e, por outro lado, a “utopia” que também significaria conjunto de idéias e representações sistematizadas, mas que, ao contrário, “visaria à transformação da ordem social”.

Como se pôde observar nesta rápida exposição, a noção de ideologia adquiriu os mais variados significados ao longo de sua evolução. Com exceção de Tracy que denominou, como ideologia, a “ciência das idéias”, os demais autores que procuraram definir o termo o trataram, de certo modo, como falsas representações do mundo social; como idéias e representações que constituem a subjetividade de determinados agrupamentos sociais ou como sistemas de idéias que se encontram instituídos fora das consciências dos indivíduos, etc. Nesse caso, o sentido que Marx atribuiu ao termo não era outro senão o sentido de falsas representações do mundo social que poderiam estar presentes tanto na consciência dos indivíduos como instituído nas superestruturas jurídicas, políticas, filosóficas, etc. Ao que tudo indica, Marx não consideraria, como ideologia, as idéias e representações que correspondessem ao mundo social - idéias que tanto poderiam estar presentes na subjetividade dos indivíduos como instituídas nas

superestruturas. Entre outros marxistas, Lênin, em particular, procurou desfazer a distinção que Marx fazia entre falsas representações e representações correspondentes à realidade social, mas ao mesmo tempo continuou considerando as ideologias como representações do mundo social que podem estar presentes tanto na subjetividade dos indivíduos como na exterioridade das consciências particulares. Mannheim, nessa mesma linha, tentou elaborar uma distinção entre ideologias e utopias, sugerindo que as primeiras seriam as idéias e representações que estariam em defesa da conservação da ordem social e, as segundas, as que estariam em defesa da subversão social.

Nem todos estes aspectos da noção de ideologia que os diversos estudiosos destacaram, são relevantes para o propósito da presente discussão. No momento, não interessa, por exemplo, estudar como se forma a consciência de determinados agrupamentos sociais; se determinadas idéias e representações constituintes da subjetividade dos indivíduos correspondem ou não à realidade social; se as idéias e representações instituídas na exterioridade das consciências particulares possuem ou não alguma adequação com o mundo social; se determinadas ideologias visam à conservação ou a transformação da ordem instituída; etc., tampouco, se elas expressam a verdade absoluta. As idéias e representações religiosas, políticas, morais, podem estar presentes na subjetividade dos indivíduos; podem ser tidas como verdades absolutas ou relativas por parte de seus adeptos; podem estar em defesa do *status quo* ou do avanço da sociedade, mas, de qualquer forma, o que importa frisar é que elas podem estar, também, “objetivadas” nas instituições sociais sob as mais diversas denominações: comunismo, liberalismo, social-democracia, espiritismo, budismo, cristianismo, etc. Assim, no âmbito desse artigo basta entender a noção de ideologia como sistema de conceitos e proposições que visa explicar o mundo social e que se encontra instituído na exterioridade das consciências particulares.

3. A NOÇÃO DE IDEOLOGIA EM WEBER

Ao se posicionar radicalmente contra as visões ou ideologias totalizadoras de mundo relativizando, portanto, o conhecimento, Weber utiliza a noção de ideologia em sua obra como “visão de mundo” particular, ou seja, como visão de mundo relativa e que, portanto, não necessariamente deva expressar a verdade absoluta ou representar o mundo social tal qual é. Numa breve incursão no pensamento sociológico de Weber, pode-se observar a relatividade que ele atribui às ideologias ou, em sua terminologia, às visões de mundo.

Da mesma maneira que considera uma diversidade de maneiras de pensar e de agir em contraposição à conduta econômica dos indivíduos ou dos grupos sociais - como, a seu ver, propôs o marxismo - Weber procura demonstrar que há uma diversidade de ideologias cada qual pretendendo ser a verdade acerca do mundo social.. Ou seja, é da compreensão de Weber que, ao invés de uma “visão unitária da vida”, existem diversas visões expressando verdades relativas e que se encontram em lutas entre si no mercado de bens simbólicos. Como sugere Gerth e Mills,

Weber vê “a vida social como um politeísmo de valores em combate mútuo, sendo possível (aos indivíduos) a opção entre estes valores”. De fato, em seu texto *A ciência como vocação*, por exemplo, reconhecendo a relatividade dos valores culturais e - justamente por isso - recomendando aos cientistas não fazerem prescrições sobre normas de conduta, Weber deixa explícita a sua concepção de que existem diversas visões de mundo particulares, de “diversas ordens e valores” - religiosos, políticos, filosóficos, etc. - em constantes lutas simbólicas entre si [...] (WEBER, 1983, p. 175).

Embora Weber tenha concebido a coexistência de diversas ideologias ou visões de mundo em lutas entre si no mercado de bens simbólicos, ele não deixou de observar que, no processo de difusão no mundo, uma determinada ideologia pudesse predominar sobre as demais em termos de conquista de adeptos. No entendimento de Weber, os indivíduos ou os agrupamentos sociais aderem a uma determinada visão de mundo na medida em que têm “afinidades” com o conteúdo que ela expressa. Em outras palavras, Weber considera que a adesão dos indivíduos às visões de mundo só ocorre na medida em que sua “situação de classe” e sua “situação de status” lhes propiciam adquirir certas idéias e representações, certos interesses materiais e ideais, para que, com isso, pudessem “eleger” aquela visão de mundo cujo conteúdo, na totalidade ou em parte, fosse “afim” com os seus “interesses materiais e ideais”.

É assim que, em sua sociologia da religião, Weber mostra como, as diversas religiões mundiais, as diversas seitas, enfim, as diversas visões de mundo religiosas, em seus processos de difusão no mundo, encontram resistências ou são facilmente aceitas pelas diversas camadas sociais. Apesar de reconhecer que as religiões estão longe de depender, sem ambigüidades, das camadas sociais dotadas de afinidades para com elas, as religiões que pregavam, por exemplo, a busca individual da salvação “deitaram raízes mais firmes entre as camadas ‘cívicas’ (artesãos, comerciantes, empresários dedicados ao artesanato, etc.), do que em qualquer outra ordem”. “É precisamente entre as camadas cívicas - continua Weber mais adiante - “que se destacam as afinidades eletivas para tipos especiais de religião. A tendência para um racionalismo prático na conduta é comum a todas as camadas cívicas; é condicionada pela natureza de seu modo de vida; muito desapegado dos laços econômicos com a natureza. Sua existência total baseou-se em cálculos tecnológicos ou econômicos e no domínio da natureza e do homem, por mais primitivos que fossem os meios à sua disposição. A técnica de vida que lhes foi transmitida pode, decerto, ser congelada pelo tradicionalismo, como ocorreu repetidamente por toda parte. Mas precisamente por isso, houve sempre a possibilidade - embora em medidas que variam muito - de permitir o aparecimento de uma regulamentação ética e racional da vida [...]” (WEBER, 1983, p. 328).

Entretanto, com o desenvolvimento da sociedade, a oportunidade de “escolha” entre as diversas visões de mundo que se colocavam aos indivíduos como “alternativas abertas”, tornam-se cada vez mais limitadas. Primeiro, porque Weber via uma tendência de extinção das visões de mundo que propugnavam condutas irracionais - a magia, por exemplo - e de reafirmação ou sobrevivência daquelas visões de mundo que defendiam ou se transformavam em doutrinas racionais da conduta. Assim, diz Weber, “o racionalismo grandioso de uma conduta de vida ética,

que flui de toda profecia religiosa, destronou este politeísmo em favor ‘daquilo que é necessário’. Frente às realidades da vida exterior e interior, o cristianismo (por exemplo), considerou necessário fazer concessões e julgamentos relativos que todos nós conhecemos na sua história. Hoje, as rotinas da vida cotidiana desafiam a religião [...]” (WEBER, 1983, p. 175). Segundo, porque Weber via uma tendência para que o homem, cada vez mais, deixasse de orientar a sua conduta pela “afetuosidade”, pelo “tradicionalismo”, pela magia, e passasse a orientá-la pela racionalidade das idéias e das coisas. Não importa discutir aqui se esta conduta racional é determinada pelos interesses “materiais” ou pelos interesses “idéias”; pelo processo de racionalização “formal” ou pelo processo de racionalização “substantiva” do mundo. Para os objetivos desta reflexão, importa frisar que, para Weber, o mundo caminha para um processo de “racionalização” ou de “desencantamento” onde não apenas a visão ou as visões de mundo, mas também as condutas dos indivíduos se tornam cada vez mais racionais.

Como tratar das visões de mundo num mundo desencantado e racionalizado onde - ao que parece - essas visões de mundo perderam suas relatividades? Nessa “gaiola de ferro”, ou seja, neste mundo desencantado e racionalizado, as diversas visões de mundo - religiosas, políticas, jurídicas, morais, etc. - que subsistiram por terem-se adequado a ele ou por já terem nascidas sob os desígnios da racionalidade, podem ser consideradas uma só justamente pelo fato de terem em comum a defesa de princípios racionais? Neste contexto, Weber faria uma distinção entre mundo material e mundo das idéias? A nosso ver, as respostas a estas e a tantas outras questões relacionadas, merecem um estudo mais aprofundado, pois, como tudo indica, na antinomia entre o irracional e o racional que se manifesta em todas as instâncias da vida, Weber concedeu uma vitória definitiva ao último. Como diz Alan Dewe, na obra de Weber “a fé se transforma em razão, o valor final se transforma em racionalidade, a ação como exercício da vontade se torna o comportamento como um acontecimento natural, a esfera moral se torna a esfera científica, a adequação no nível do significado se torna adequação causal, o mundo monumental se transforma em mundo fenomenal. Agora já não há nem mesmo a oposição inconciliável entre duas antinomias de visão única, o real e o ideal. Há apenas a visão única suprema do homem instrumental, num mundo instrumental, de racionalidade instrumental” (DEWE, 1980, p. 520).

Estas dificuldades, entretanto, não impedem a tentativa de apreender o significado da noção de ideologia na obra de Weber. Apesar de problemática a relação que Weber estabelece entre as visões de mundo e a realidade social - num momento, defesa da coexistência de diversas visões de mundo e, em outro, reconhecimento de uma visão de mundo racionalista e unitária - não seria um contra-senso o entendimento de que, no pensamento de Weber, ideologia ou visões de mundo não significam outra coisa senão sistemas de idéias e representações que visam representar a ordem social e que se encontram no exterior das consciências particulares.

4. A PRODUÇÃO DE IDEOLOGIAS

Faz-se necessário responder agora, como, no entendimento de Weber, são produzidas as ideologias ou visões de mundo. Ao que tudo indica, a despeito de Weber ter uma concepção materialista sobre o processo de formação das idéias e representações dos indivíduos, ou seja, sobre o processo onde se formam os “significados” ou os “sentidos” das ações, sobre o processo de produção das visões de mundo ele possui uma concepção idealista. Isto é, no primeiro caso, sua teoria admite condicionamentos sociais na formação da consciência dos indivíduos, mas no segundo caso, pode-se dizer, não contempla os condicionamentos sociais no processo de produção das ideologias..

Com efeito, as idéias e representações dos indivíduos, os seus interesses materiais e ideais, segundo Weber, são determinadas tanto pelas suas “situações de classe”, como também pelas suas “situações estamentais” (WEBER, 1983. p.212).. É basicamente em decorrência desses dois fatores que os indivíduos não só formam os seus interesses materiais e ideais, mas também podem - na medida em que tendem a orientar as suas ações em um mesmo sentido - se constituir enquanto grupos ou camadas sociais. Assim, por exemplo, as “camadas cívicas” aderiram à ética calvinista justamente por possuírem idéias e interesses “afins” com o conteúdo daquela doutrina. Já a produção de visões de mundo, propriamente dita, adquire uma certa ambigüidade nos textos de Weber. Em determinados contextos de sua obra elas aparecem não só como resultado das “qualidades excepcionais” de seus autores, mas também como resultado da influência da realidade objetiva, isto é, da natureza da subjetividade dos agentes sociais em geral. Entretanto, em outros contextos, esta produção de visões de mundo aparece exclusivamente como resultado das “qualidades excepcionais” dos produtores de ideologia.

Na obra de Weber podem ser encontradas diversas afirmações que levam à conclusão de que a produção de visões de mundo estaria ligada às qualidades excepcionais de seus produtores bem como à natureza da subjetividade dos agentes sociais em geral. Isto significa dizer que ao mesmo tempo em que, por exemplo, as visões de mundo religiosas, aparecem como uma criação do profeta - enquanto portador de dons sobrenaturais, portanto, enquanto portador de qualidades excepcionais para criar sistema de idéias inovadoras, anunciadoras - elas aparecem também como resultado da determinação dos interesses materiais e idéias de determinadas camadas sociais. Assim, para se ater apenas em um exemplo, em *A psicologia social das religiões mundiais*, Weber dizia que “a desconfiança da riqueza e poder, que em geral existe nas religiões de salvação autêntica, teve sua base natural principalmente nas experiências dos redentores, profetas e sacerdotes. Eles compreenderam que as camadas ‘saciadas’ e favorecidas neste mundo tinham pouco desejo de ser salvas, qualquer que fosse a salvação oferecida” (WEBER, 1983, p. 318). É verdade que, na seqüência, Weber fala da influência da subjetividade das camadas sociais na evolução e não no momento da criação das visões de mundo. Entretanto, conforme o que se pode interpretar no exposto acima, os interesses materiais e ideais das diversas camadas sociais interferem não apenas na evolução, mas também no momento da criação das visões de mundo.

Por outro lado, na obra de Weber também se pode extrair várias outras afirmações sugerindo - e esta, a nosso ver, é a proposição mais coerente com a noção de “carisma” elaborada por Weber - que as “qualidades excepcionais” do produtor é a condição suficiente para a produção de visões de mundo. Para Weber, “carisma” significa “dons específicos do corpo e do espírito, dons esses considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos”; “qualidade excepcional”; “qualidade extraordinária de uma pessoa”, para a realização de determinadas coisas, no caso, criação ou produção de ideologias (WEBER, 1983, 263, 340). Neste sentido, assim como se explica a habilidade, a destreza, a capacidade de um guerreiro em perceber a proximidade do perigo unicamente pelas suas “qualidades excepcionais, extraordinárias”, assim também se explicaria a criação de novas visões de mundo pelas mesmas “qualidades excepcionais”, “extraordinárias” dos criadores de ideologias políticas ou religiosas. Tratando das religiões, Weber considera o profeta “é um puro portador pessoal de carisma, cuja missão é anunciar uma doutrina religiosa ou um mandato divino [...], um ‘renovador’ ou um ‘fundador’ de religião” (WEBER, 1983a, p. 356)

Ao tratar de processos educacionais, mais uma vez Weber enfatiza o dom “extraordinário” pessoal como característica fundamental do carisma e, portanto, mais uma vez demonstra que, em sua opinião, a produção de visões de mundo depende exclusivamente das qualidades pessoais de seus produtores e não de outros fatores. Assim, diz Weber: “o procedimento carismático do ascetismo mágico antigo e os julgamentos dos heróis que feiticeiros e heróis guerreiros aplicavam aos rapazes, tentavam ajudar o noviço a adquirir uma ‘nova alma’, no sentido animista e, portanto, a renascer. Em nossa linguagem, isto significa que eles simplesmente desejavam despertar e testar uma capacidade considerada como um dom de graça exclusivamente pessoal, pois não se pode ensinar nem preparar para o carisma. Ou ele existe *in nuce*, ou é infiltrado através de um milagre de renascimento mágico - de outra forma é impossível alcançá-lo” (WEBER, 1983, p. 482).

Poder-se-ia objetar que, ao caracterizar o carisma como uma qualidade excepcional, Weber estaria se referindo à qualidade excepcional que o profeta possui para compreender a subjetividade das camadas sociais e que, portanto, no seu entender, tanto a qualidade excepcional do profeta quanto os próprios interesses materiais e ideais das diversas camadas sociais, interferem no processo de produção das visões de mundo. Na verdade, outras afirmações de Weber contrariam essa objeção. Tratando da evolução das religiões, Weber considerava que “o profeta não foi, regularmente, descendente ou representante das classes desfavorecidas. Ocorreu quase sempre o inverso. Nem o conteúdo da doutrina do profeta foi extraído, de forma preponderante, do horizonte intelectual daquelas classes. Em geral, porém, os oprimidos, ou pelo menos os ameaçados por uma desgraça, necessitavam de um redentor e profeta; os afortunados, as camadas dominantes, não tinha tal necessidade. Portanto, na grande maioria dos casos, uma religião de redenção, anunciada profeticamente, teve o seu centro permanente entre as camadas sociais menos favorecidas. Entre elas tal religiosidade foi um sucedâneo, ou um suplemento racional, da mágica” (WEBER, 1983, p. 317). Ora, esse trecho dos escritos de Weber, não deixa dúvidas de que, em seu

entender, o conteúdo de uma doutrina religiosa é construído pela “iluminação”, pelos “dons sobrenaturais” de seu produtor sem a consideração dos interesses materiais e ideais de determinadas camadas sociais.

Numa posição intermediária, poder-se-ia sugerir que, para Weber, uma visão de mundo religiosa depende exclusivamente dos dons carismáticos dos profetas apenas no momento de sua criação, mas que, a partir daí, isto é, em seu processo evolutivo, ela dependeria da natureza dos interesses materiais e ideais das camadas sociais. Esta postura se justificaria em virtude da afirmação de Weber de que as camadas sociais - tanto em seu aspecto econômico, político ou, principalmente, religioso - influem no conteúdo da anunciação e promessa de uma ética religiosa. Neste sentido, dizia Weber, “freqüentemente, a geração seguinte reinterpreta essas anunciação e promessas, ajustando as revelações às necessidades da comunidade religiosa. Quando isto ocorre, então, é comum que as doutrinas religiosas se ajustem às necessidades religiosas” (WEBER, 1983, p. 312). No entanto, seria complicada a sustentação desta postura se considerarmos que, ao conceber o processo de racionalização e de desencantamento do mundo, longe de Weber postular a influência de determinadas camadas sociais sobre determinadas éticas religiosas, pelo contrário, ele postula uma determinação “férrea” das visões racionais do mundo sobre as camadas sociais em geral.

Vale ressaltar, mais uma vez, que - embora Weber tenha se dedicado ao estudo da produção, evolução e difusão das doutrinas religiosas - as teorias de Weber se aplicam ao estudo das ideologias em geral, inclusive, das ideologias políticas. Como diz Sérgio Miceli, assim como Weber procura mostrar que os profetas se envolvem na política social, “por extensão aproxima os profetas dos mestres intelectuais de salvação [...], dos reformadores sociais, dos moralistas filósofos, dos publicistas políticos [...]” (MICELI, 1987, p. VII). Aliás, em *A psicologia social das religiões mundiais*, ao tratar da “autoridade carismática” enquanto pessoa portadora de “qualidade extraordinária”, é o próprio Weber que atribui estas qualidades não só ao profeta, mas também a determinados feiticeiros, guerreiros, governantes, líderes partidários etc. (WEBER, 1983, p. 99 e 340).

Resumindo, a noção de ideologia - enquanto sistema de idéias e representações exteriores às consciências particulares - aparecem na obra de Weber como visões de mundo relativas - sejam elas religiosas, políticas, morais, etc. Entretanto, o processo de produção dessas visões de mundo adquire uma certa ambigüidade no pensamento de Weber. Por um lado, ele tem apenas as qualidades excepcionais dos produtores como a condição necessária e suficiente para a produção de ideologias. Por outro lado, ele considera que não apenas as qualidades excepcionais dos produtores, mas também a subjetividade das camadas sociais - seja apenas no momento de suas criações, seja nesse momento e também em suas evoluções - interferem no processo de produção das ideologias.

De qualquer forma, a despeito das ambigüidades do pensamento de Weber no que tange às relações entre, de um lado, carisma, subjetividade das camadas sociais e racionalização do mundo e, de outro lado, produção de ideologias, não resta dúvidas de que Weber deixou pistas importantes para a compreensão deste último fenômeno. Se, por um lado, a noção de carisma, significando “dons extraordinários”, não parece, a nosso ver, frutífera para a compreensão do processo de

produção de visão de mundo, por outro, as ambigüidades do pensamento de Weber em relação à questão podem sugerir que tanto no momento de sua criação como em sua evolução, uma visão de mundo pode receber influência não só da subjetividade do produtor - subjetividade que não necessariamente deva ser considerada como “dom sobrenatural”, isenta de certos condicionamentos sociais - mas também da própria subjetividade de determinados grupos sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde observar nas discussões precedentes, mesmo que considerada como visão de mundo relativa ou unitária, nos escritos de Weber a noção de ideologia adquire a conotação adotada nesse artigo: conjunto de conceitos e proposições que visam explicar o mundo social seja ele um sistema. No entendimento de Weber, as “visões de mundo” - enquanto sistemas de idéias que visam explicar a realidade social e que se encontram presentes na exterioridade das consciências particulares - são produzidas por pessoas portadoras de “carisma”, isto é, dotadas de “qualidades excepcionais” ou de “dons sobrenaturais”, que lhes conferem a capacidade de criar idéias novas. Neste sentido, o profeta tanto pode ser o anunciador de sistemas de idéias religiosas como de sistemas de idéias políticas, morais, etc.

O problema na obra de Weber é que às vezes ele tem as qualidades excepcionais do profeta - do “produtor ou renovador” de visões de mundo - como condição suficiente para a produção de visões de mundo, mas, às vezes, ele considera que além das qualidades excepcionais do profeta, a subjetividade das camadas sociais interfere no processo. No primeiro caso, as ideologias, ou seja, as visões de mundo, dependeriam unicamente da “inspiração”, do poder sobrenatural do profeta para virem ao mundo e se instituírem objetivamente enquanto sistemas de idéias. No segundo caso, a qualidade excepcional do profeta seria apenas uma condição necessária para que as ideologias fossem produzidas. Neste caso, a qualidade excepcional do profeta se referiria à sua capacidade em compreender os interesses materiais e ideais das camadas sociais para que, com isso, pudesse produzir uma visão de mundo correspondente àqueles interesses. Às vezes, Weber chega a sugerir que é apenas no momento de sua criação que uma visão de mundo depende, unicamente, das qualidades excepcionais do profeta, mas que, em sua evolução, ela sofreria as influências dos interesses materiais e ideais das camadas sociais. Isto significa dizer que, uma vez criada pelo profeta, a visão de mundo iria adequando o seu conteúdo às aspirações dos diversos agrupamentos sociais - seria o caso, por exemplo, das mudanças que os diversos dogmas do cristianismo sofreram ao longo de sua evolução.

A despeito destas ambigüidades que o pensamento de Weber contém, vale ressaltar algumas contribuições que ele proporciona para a compreensão do processo de produção das ideologias. Por um lado, parece prudente a sua concepção das visões de mundo como visões relativas e não absoluta de mundo. De fato, se as visões de mundo pretendem representar uma realidade social,

elas têm que se coadunar com a dinâmica desta realidade; se elas são produtos da subjetividade de seus produtores ou da subjetividade das camadas sociais - subjetividades que estão impregnadas de juízo de valor - elas se encontram da mesma forma, impregnadas de juízos de valor e, portanto, não podem ser consideradas como verdades absolutas. Por outro lado, parece também sensata a observação de Weber de que, seja em suas origens, seja em suas evoluções, as ideologias podem conter elementos representativos não só dos interesses materiais, mas também dos interesses ideais de determinadas camadas sociais.

Uma das objeções mais pertinentes que se pode fazer à concepção de Weber sobre o processo de produção das ideologias se refere à sua noção de carisma. Se apenas determinadas pessoas possuem qualidades excepcionais para produzir ou reformar visões de mundo, quais seriam as fontes destas qualidades excepcionais? Não haveria condicionamentos sociais na geração dessas qualidades? Neste aspecto, Weber isenta as tomadas de posições ideológicas dos produtores de ideologias de condicionamentos sociais. Para ele, ao que tudo indica, os “dons sobrenaturais” de que são portadores determinados indivíduos são frutos do acaso - para não dizer de fatores misteriosos. A nosso ver, essas “qualidades excepcionais”, estes “dons sobrenaturais”, devem ter origens sociais. Seja como for, as ideologias - produzidas sob a inspiração de “dons sobrenaturais” ou por condicionamentos sociais - são sempre visões de mundo relativas - como às vezes sugeria Weber - e não verdades absolutas, pois tanto a diversidade de inspirações carismáticas quanto a diversidade de condicionamentos sociais seriam capazes de gerar os mais diversos sentidos e significados para as visões de mundo, mas não para revelar a verdade sobre a vida social.

6. NOTAS

* O autor é professor de Sociologia e de Ciência Política do CCSA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, e autor dos livros: “Elementos de Sociologia Geral” e “Adesão da Militância Partidária: a eficácia do simbólico no processo de mobilização” – ambos publicados pela Editora da Universidade EDUNIOESTE.

7. REFERÊNCIAS

DEWE, Alan. Teorias da ação social. In: BOTTOMORE, T e NISBET, R. *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

MICELI, Sérgio. Introdução. In: BOURDIEU, Pierre, *A Economia das Trocas Simbólicas*. 2a ed., São Paulo, Perspectiva, 1987

CENTRE for Contemporary cultural studies. *Da ideologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

- GIDDENS, Antony. *Capitalismo e a moderna teoria social*. Lisboa, Presença, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. /sd.
- LÖWY, Michel. *Ideologias e ciências sociais*. São Paulo, Cortez, 1987.
- LÖWY, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen*. São Paulo, Cortez, 1994.
- LUKÁCS, Georg. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1981.
- MANNNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. (...)
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo, Hucitec, 1987.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo, Alfa Omega, s/d.
- SILVA, J. Otacílio. *Elementos de sociologia geral*. Cascavel-PR: Edunioeste, 2004.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1987.
- WEBER, Max. *Economia y sociedad*. México, Fondo de Cultura Economica, 1983.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982
- WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1991.